



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

HISTÓRIA, GÊNERO E SALA DE AULA: DISCUTINDO VELHOS E NOVOS ARRANJOS FAMILIARES

Rafael da Silva Abreu

Professor da Educação Básica da Secretaria de Estado da Educação da Paraíba

abreurs@live.com

RESUMO

No presente artigo, em formato de relato de experiência, buscamos apresentar os desenrolares de uma atividade pedagógica nas aulas de história, em turmas do segundo ano do Ensino Médio da rede pública de Ensino da Paraíba, na cidade de Campina Grande. A partir do eixo temático: família patriarcal do período colonial brasileiro, fizemos provocações, discussões e incentivamos pesquisas sobre os novos arranjos de família na contemporaneidade. Pretendemos expor a diversidade de gênero da sociedade com a naturalidade devida, buscando desestabilizar e/ou desconstruir preconceitos e discriminações referentes, principalmente, aos casos de misoginia, homofobia, lesbofobia e transfobia. Os educandos foram instigados a analisar como os novos arranjos familiares estão arraigados na sua comunidade e, assim, perceber e promover falas sobre a multiplicidade de gênero como uma característica natural da nossa sociedade, em que a liberdade alcança a orientação e identidade de gênero.

Palavras-chave: Ensino de História, Arranjos familiares, Diversidade.

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho apresentamos o relato de uma experiência pedagógica, nas aulas de história, a partir da construção histórica da ideia de família. As atividades foram desenvolvidas, no ano letivo de 2015, em duas turmas do segundo ano do Ensino Médio, da rede pública Estadual de Ensino da Paraíba, na cidade de Campina Grande. Dessa forma, buscamos descrever e analisar o ensino de história com as relações de gênero realizando as ligações com a contemporaneidade, confrontando-as para entendê-la.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

As inquietações que originaram a atividade pedagógica partiram das discussões acerca da sociedade colonial brasileira, a família patriarcal é apresentada na historiografia recorrente como o modelo familiar. Sendo entendida com uma configuração em que o Pai (*Pater*) é o chefe familiar e os demais membros se encontravam em condição de subjugação, estes seriam a esposa, os filhos, os bastardos, familiares e agregados (FREIRE, 1981). Neste contexto, surgiu uma importante oportunidade de realizar as ligações históricas, entre passado e presente, afinal, promover a compreensão do presente é uma das principais premissas do Ensino de História. Além disso, como fala Circe Bittencourt (2011) um das principais funções do Ensino de História, na atualidade, é a formação das identidades. Assim, na medida em que se promove uma discussão de gênero, estamos evidenciando a diversidade na qual estamos inseridos e atuando no rompimento de velhos preconceitos, pois:

Por muito tempo, ao longo da história do Brasil, os valores patriarcais que remontam ao período colonial, foram referência quando o assunto é família: pressupunham a ideia de submissão de todos (parentes e/ou dependentes) que estivessem sob o poder do pater familiar. (SCOTT, 2012, p. 15-16)

Como podemos perceber a trajetória histórica da família brasileira tem marcas de valores patriarcais, principalmente, em discussões sobre o Brasil Colônia. Assim, torna-se fundamental realizar as ligações históricas com a contemporaneidade, estas marcas do patriarcado foram imprescindíveis para o modelo de família tradicional brasileira, que vigorou até a segunda metade do século XX. Neste modelo, ainda tínhamos o pai como chefe da família, embora com um núcleo reduzido a esposa e filhos.

Nas décadas de 1960 e 1970 proliferaram-se as lutas por liberdade e direitos femininos. Neste contexto, as mulheres adquirem o reconhecimento como membros produtivos da sociedade no código civil brasileiro, o direito ao divórcio e a construir outras relações socialmente aceitáveis. A difusão das pílulas anticoncepcionais favoreceu maior controle sobre seu corpo, a partir do qual puderam decidir sobre a maternidade e se libertarem para o prazer sexual sem o viés reprodutivo. Se nestas décadas as brasileiras tinham 5 ou 6 filhos, em 2010 esta natalidade caiu para 1,9, o que vem a demonstrar uma forte mudança no papel da mulher no lar e na sociedade (SCOTT, 2012).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Estas mudanças são perceptíveis nos dados do Censo Demográfico de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em que as mulheres aparecem como responsáveis pela família em 37,3% dos domicílios particulares no país. Além disso, as mulheres possuem uma participação de 40,9% do rendimento familiar¹.

Recentemente no Brasil, em 2013, todos os cartórios, não podem recusar o casamento civil para casais do mesmo sexo. As uniões homoafetivas e a possibilidade de adoção por estes casais trouxeram, ainda mais, uma desconstrução positiva do modelo de família tradicional. “A família mudou e continua mudando. Como instituição ela se reinventa, embora permaneça como referência afetiva e de socialização” (SCOTT, 2012, p. 39).

A partir disso, nas aulas de história, propomos uma discussão sobre os novos arranjos de família, estes são pensados aqui como qualquer composição familiar que destoem do modelo tradicional. “O modelo patriarcal de família, caracterizado pelo arranjo composto por pai, mãe e filhos que convivem sob a égide da autoridade do primeiro sobre os demais, está em crise” (PERUCCHI; BEIRÃO, 2007 p. 66).

Este estudo é relevante, pois verificamos na sociedade brasileira velhos preconceitos e discriminações de gênero. Isto se verifica, por exemplo, no fato das brasileiras, em 2012, possuírem um salário 69,2% ao equivalente dos homens², mesmo possuindo igual nível de escolarização. Além do mais, de janeiro até 21 de setembro de 2014, segundo o Grupo Gay da Bahia, ocorreram 216 assassinatos motivados por homofobia no Brasil³. As mudanças nas relações de gênero que, inclusive, fomentaram os novos arranjos familiares não foram acompanhadas de uma harmonização social. É preciso discutir para promover uma maior compreensão da naturalidade da diversidade social e de gênero na sociedade.

A partir desses pressupostos guiamos nossas atividades pedagógicas, bem como a produção desse relato de experiência. Pretendemos apresentar um caminho pedagógico e metodológico para debater as mudanças de gênero que a sociedade brasileira vem passando e que necessitam de uma maior discussão.

¹ IBGE. Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia. Estatísticas de Gênero. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=-3,-15,-16,-17,-18,128&ind=4705>>. Acesso em 28 jul 2015.

² IBGE. Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia. Pesquisa Mensal de Emprego, 2012. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp_2012.pdf>. Acesso em 30 jul 2015.

³ BACELAR, C.; MIRANDA, M.; GALDO, R. No Brasil, homofobia matou ao menos 216 em 2014. 2014. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/no-brasil-homofobia-matou-ao-menos-216-em-2014-14087682#ixzz3gongXwwc>. Acesso em 23 mar 2015.



2 METODOLOGIA

A princípio tivemos como meta a problematização da sociedade colonial brasileira, com o uso de textos complementares e o livro didático esmiuçamos as características daquela sociedade que tinha o modelo familiar patriarcal como o ideal a ser seguido. Assim, optamos por uma maior ênfase na concentração de poder do *pater* e como os demais integrantes do núcleo familiar estavam em condição de subjugação.

Para sensibilizar estas discussões foi exibido o filme **Desmundo** (2011), direção de Alain Fresnot. O filme retrata a trajetória de órfãs portuguesas que são forçadas a migrar para Brasil e se unirem em matrimônio com os moradores brancos daquelas terras, isto motivado pela ausência de mulheres brancas nas terras da América portuguesa no século XVI. Ao término realizamos discussões sobre o papel da mulher naquela época e da opressão que lhes era imposta, bem como problematizando as relações de gênero a partir das convenções sociais da época.

Na aula seguinte discutimos a diversidade de gênero e arranjos familiares na contemporaneidade, partindo de eixos de discussão, como orientação e identidade de gênero, buscamos naturalizar as diferentes relações de gênero e como elas acabaram por trazer uma nova composição da família.

Como principal etapa os educandos terão que se lançar na comunidade para promover o intercâmbio entre escola e comunidade. Como proposta de pesquisa farão entrevistas com uma pessoa, que é integrante de um novo arranjo familiar, objetivamos com isso abordar a diversidade das relações familiares, na atualidade, que se confrontam com o modelo de família tradicional. Neste momento, os educandos realizam o papel de construtores ativos do conhecimento, deixando a condição de passividade frente os estudos. Os discentes vão compartilhar seus resultados de estudo no formato de uma produção textual, bem como em um fórum de debates no qual eles vão compartilhar com a turma os resultados de seus estudos, o professor assumirá o papel de orientador do fórum.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As entrevistas foram orientadas pelo professor para investigar como o integrante de um novo arranjo familiar vê sua família no contexto da sociedade, bem como relatar casos de discriminação a sua formação familiar. Como esperado encontramos uma diversidade de arranjos familiares na comunidade escolar.

Esta diversidade pode ser descrita como: oito delas são compostas pelo caráter mononuclear (Um adulto com filhos), e apenas um caso de um pai que cria seu filho sem uma companheira; também temos um casal heterossexual que não possui a pretensão de ter filhos; outro casal heterossexual que se conheceram pela internet; e uma família homoafetiva.

No caso das famílias mononucleares a aceitação é bem maior, não relatando casos de preconceito, contudo, é perceptível vestígios de uma modelo de família tradicional em sua mentalidade. Em duas entrevistas, quando questionadas sobre a existência de uma chefia da família, as depoentes relataram: “Não, só moramos eu e minha filha” e “Não, pois só mora eu e meu filho”, ou seja, a ausência da figura masculina para essas mulheres representa, também, a ausência do “chefe” da casa, mesmo provendo a família financeiramente isto não é suficiente para desmembrasse do papel masculino da antiga família patriarcal. Ainda sobre isso, temos o caso de uma mãe solteira (39 anos) que não reconhece sua família como completa, “pois falta o apoio do pai que nunca obteve”.

Nas entrevistas é possível perceber maior resistência quando questionados sobre caso das famílias homoafetivas, constatamos falas do tipo: “Um horror, porque Deus fez o homem para a mulher” (Mãe solteira, 34 anos), “Respeito, mas não aceito, a família é lar e amor, cuidado e etc, mas a questão de casar e se impor de forma grosseira a sociedade eu não sou de acordo não” (Mulher divorciada, 30 anos) e “Não concordamos, porque não como formar uma família, uma dupla que não pode gerar filhos, mas temos que respeitar na nossa sociedade, pois em todos os lugares encontramos pessoas assim e temos que respeitar” (Homem casado, 34 anos). Curiosamente o último depoente relatou ter sofrido preconceito quanto a sua família, por ter conhecido a esposa na internet e “todos falavam que não iria dar certo, por



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

conta que era um relacionamento virtual”, ou seja, mesmo quem sofreu preconceito também o comete perante os outros quando sua posição de poder muda, de minoria para maioria.

Também foi possível discutir como tais pensamentos preconceituosos são lamentáveis e se convertem em discriminação de fato, sobre o preconceito sofrido, uma integrante de uma família homoafetiva nos informa: “Infelizmente, já sofremos sim, às vezes olhares de reprovação e até comentários maldosos e ignorantes (Lésbica, 22 anos). Percebemos uma maior intolerância contra casais do mesmo sexo, tornando ainda mais importante promover debates e instigar uma maior conscientização sobre a diversidade e liberdade de gênero.

Entretanto, encontramos relatos de pessoas heterossexuais que são favoráveis a famílias homoafetivas: “É uma família como qualquer outra, apoio totalmente. Não é porque são do mesmo sexo que vão deixar de ser uma família” (Filho de uma família mononuclear, 22 anos); “Bom, não vejo porque criticar, se são felizes juntos, isso é o que importa” (Mulher casada, 33 anos); “Cada um procura o que é melhor para si, o que prevalece é ser feliz” (Pai divorciado, 45 anos). Aproveitamos esse momento para promovermos debates sobre como a sociedade ainda nutre divergências e pontos de vista diferentes, inclusive, entre os próprios educandos, mas só podemos reverter estes quadro preconceituosos a partir do diálogo, hoje precisamos de uma conscientização maior para atribuímos sentido a liberdade do ser.

Nas produções textuais os educandos expressaram suas análises da comparação entre a família patriarcal com os novos arranjos de família, observe os exemplos a seguir:

A família patriarcal que era formada de pai, mãe e filhos que parece estar sumindo e novos tipos de famílias estão nascendo, ex, recasados, homossexuais, criados por avós. Os modelos de família são tantos atualmente que é impossível numerar e classificar se são “bons ou ruins”. E assim foram surgindo novas famílias e a patriarcal está ficando para trás. (PRODUÇÃO TEXTUAL 1)

Na atualidade existem novos arranjos familiares, as coisas e os direitos são bem diferentes, pois as mulheres têm direitos assim como os homens, elas podem administrar a que é seu sozinha, sem que seu marido ou namorado interfira em sua vida financeira, as famílias já não são tradicionais como na antiguidade. (PRODUÇÃO TEXTUAL 2)

A diversidade da família no Brasil hoje é imensa, dois homens e filhos, uma mulher e um filho, entre vários outros. Porém, o Brasil ainda herdou muito preconceito contra qualquer outro tipo de família, que hoje os grupos tradicionais chamam de ‘família tradicional brasileira’ e tentam excluir qualquer outro modelo familiar. (PRODUÇÃO TEXTUAL 3)



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Percebemos como decorreu uma percepção dos educandos sobre a diversidade das formações familiares na contemporaneidade. Acreditamos que realizar estas provocações e fomentar a análise do seu meio social foi a principal tarefa desta atividade. Apenas quando provocamos debates e exercemos a alteridade é que podemos pensar de outra forma, superando preconceitos e estigmas que assolam a sociedade.

4 CONCLUSÕES

A proposta da atividade pedagógica foi bem acolhida pelos discentes, bem como procederam de forma entusiasmada para a realização das entrevistas na comunidade. O que se tornou relevante foi levar os alunos ao campo da pesquisa, além das aulas teóricas sobre a família patriarcal. No momento que eles saíram para campo de estudo e realizaram uma produção textual com suas análises, os inserimos no centro da produção do conhecimento, edificando uma aprendizagem mais significativa.

Além do mais, verificamos que alunos se identificaram como integrantes desses novos arranjos familiares, podendo reconhecer sua família como completa e normal, bem como outros puderam externar seu desejo de não construírem uma família tradicional por não terem afinidade com aquele modelo. Assim, contribuir para a formação das identidades é uma das principais finalidades da educação, demonstrando que não precisam seguir modelo tradicional de família, de seus pais e avós, afinal, os tempos mudaram.

Entretanto, verificamos falas conservadoras e preconceituosas tanto nas entrevistas, feitas na comunidade, quanto entre alguns alunos. Contudo, pelo contrário, isso torna as discussões mais importantes e relevantes, mostrando que debates de gênero precisam ser realizados com maior frequência na Educação Básica.

REFERÊNCIAS



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

BACELAR, C.; MIRANDA, M.; GALDO, R. **No Brasil, homofobia matou ao menos 216 em 2014**. 2014. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/no-brasil-homofobia-matou-ao-menos-216-em-2014-14087682#ixzz3gongXwwc>. Acesso em 23 mar 2015.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

DESMUNDO. Direção de Alain Fresnot. Produção de Alain Fresnot e Van Fresnot. Brasil: A.F. Cinema e Vídeo, (101 min) 2011. Son., color

FREIRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 21 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

IBGE. Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia. **Estatísticas de Gênero**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=-3,-15,-16,-17,-18,128&ind=4705>. Acesso em 28 jul 2015.

IBGE. Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia. Pesquisa Mensal de Emprego, 2012. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp_2012.pdf. Acesso em 30 jul 2015.

PERUCCHI, J.; BEIRÃO, A. M. Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. **PSICOL. CLIN.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, Dec. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pc/v19n2/a05v19n2>. Acesso em 28 ago 2015.

SCOTT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In. PINSKY, Carla Bassanazi; PEDRO, Joana Maria (orgs.). **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 15-42.